Quanto custa fazer bem-feito do início ao fim?

Paulo F. Stacchini

Eng. Agrônomo – Cowltech Consultoria

Para responder à questão enunciada no título desse artigo talvez seja mais fácil inverter o conceito e, perguntar: quanto custa não fazer bem-feito. Tanto na agricultura, quanto na pecuária conceitos de precisão têm sido cada vez mais difundidos e confundidos com uso de tecnologias sofisticadas, automação de tarefas e aplicação direcionada e variável de insumos. Muitas vezes isso é também difundido como tecnologias que garantem maior qualidade nos processos. Mas será que realmente a precisão relacionada ao sítio (alvo) e a dose variável de um insumo garante qualidade e eficácia no processo? E mais que isso, essas ferramentas por si só garantem que os processos sejam bem executados?

Voltando à questão inicial, o fazer bem-feito, do início ao fim, diferentes processos numa fazenda tem sido o grande diferencial entre os negócios mais lucrativos e os menos lucrativos. E curiosamente isso está mais relacionado a cultura da fazenda/empresa que ao volume de tecnologias empregadas nos processos. É óbvio que de alguma forma o uso de tecnologias liga-se ao conceito de maior eficiência em determinados processos. Mas tecnologia não se resume à equipamentos e máquinas de última geração, nem ao tamanho dessas máquinas. Para explicar melhor essa ideia, costumo usar o exemplo da ordenha mecânica em fazendas leiteiras.

Para exemplificar essa ideia, usemos algumas máquinas agrícolas como semeadoras e pulverizadores. Disponíveis há quase um século, a cada ano somos surpreendidos nas feiras agrícolas especializadas com modelos mais novos, maiores e robustos. Essas máquinas equipadas com sistemas e sensores de geo- posicionamento (GPS), sensores de controle de pressão e vazão de calda por bico e sessões das barras, permitem aplicações precisas em termos de volume de calda, independente da velocidade e trajeto da máquina. Mas isso por si só garante a eficácia da operação? Não, necessariamente, pois garante se o produto/insumo a ser aplicado não for bem recomendado e selecionado, ainda que aplicado na dose correta não surtirá o resultado esperado. Também não se obterá bons resultados, se o alvo não for identificado corretamente, nem se a sequência de abastecimento dos produtos não for seguida propriamente e, nem tão pouco, se o tempo (estágio correto do desenvolvimento da cultura e nível de infestação do inseto praga, planta daninha ou patógeno de determinada doença) e as condições climáticas não forem os mais adequados. Também nenhuma dessas “modernidades” funcionará corretamente se não houver uma cultura de manutenção adequada que garanta que todos os componentes das máquinas funcionem corretamente. E infelizmente, é bastante comum observarmos as famosas “gambiarras” em várias máquinas e equipamentos em muitas fazendas, fazendo que bem na hora de usar o equipamento o mesmo não esteja funcionando 100%. A simples falta de um filtro, da troca de um bico desgastado, da queima de uma válvula ou sensor pode impedir que o equipamento entregue toda qualidade que se espera dele. E infelizmente, quando as fazendas se deparam com esse tipo de anomalia, o timing correto para execução de uma tarefa não será o planejado. A adubação que era para ser realizada no estágio v3 será realizada no V4 ou V5. As três pulverizações que foram planejadas no início da safra, no fim serão apenas 2, porque o pulverizador ficou em reparo 1-2 semanas. Tais problemas também podem implicar em maior desperdício de insumos, retrabalho, ou ineficácia da tarefa, com redução da produção esperada.

Agora soma-se a essas anomalias, também a indicação incorreta para uma variedade, a velocidade incorreta de semeadura que resultou numa população de plantas errada, de uma dose incorreta de fertilizante, a inoculação mal-feita das sementes, um herbicida aplicado fora do estágio correto para controle de uma planta daninha, o “ timing” errado para aplicação de um fungicida, etc. Quanto custa o replantio de uma gleba, simplesmente porque se seguiu um planejamento no calendário, mas nenhum técnico esteve presente na área avaliando as condições de umidade e de preparo do solo no dia, ou porque ninguém acompanhou a profundidade da semeadura quando se mudou da gleba A para a gleba B? Quanto custa uma semeadora mal regulada que está depositando 10-15% mais sementes e 10-15% menos de fertilizante? Qual impacto na produtividade de uma lavoura de milho em que estava previsto aplicar 2 adubações de cobertura, mas por quebra do adubador, passou a época adequada e foi feita apenas uma aplicação? Ou qual o impacto em perda de produção de uma lavoura de soja em que a população de plantas prevista era de 13 plantas/m, mas o obtido foi de 16 plantas/m e que resultou em acamamento na área? Imaginemos só 15% de perdas com acamamento e 23% a mais de custo com sementes?

Em resumo, o custo de não fazer bem-feito um conjunto de operações pode ser extremamente expressivo e explicar por que propriedades na mesma região, com áreas semelhantes em termos de fertilidade de solo, tecnologias similares obtém resultados tão diferentes. Por que uma fazenda A consegue média de 85-90 sacos de soja/ha e outra fazenda B não consegue passar de 60 sacos/ha. Por que uma fazenda de leite consegue média individual das vacas em lactação de 38--40 L/dia e outra com rebanho de genética similar não consegue passar de 25-28 L/dia. A resposta está, muito provavelmente, na capacidade que cada propriedade tem em minimizar anomalias nos processos e fazer bem-feito desde o início todas as operações necessárias sempre, dia após dia. Altas produtividades são resultado de uma somatória de esforços em várias áreas diferentes e não são obtidas com um único recurso, insumo, equipamento ou tecnologia. É exatamente por este motivo que a consultoria técnica na área de gestão aliada a assessoria técnica especializada pode ter um retorno muito maior que o simples investimento num novo equipamento, ou em um novo insumo, uma nova instalação! Infelizmente é comum ainda no Brasil observarmos produtores investindo R$ 400-500 mil num trator, R$ 1,0 milhão num pulverizador, mas na hora de investir no treinamento dos seus operadores, no planejamento especializado das suas lavouras, na implementação de um programa de manutenção de máquinas, ou na implantação de um novo modelo de gestão na propriedade, acham que o custo de uma consultoria técnica especializada é muito alto.

Fazer o bem-feito do início ao fim todos os dias é acima de tudo uma questão cultural nas fazendas. Isso implica numa mudança de postura dos interessados no negócio, principalmente dos proprietários. Implica em não se acostumar com o mais ou menos, com a bagunça, com os desperdícios, com a desorganização, com o improviso e gambiarras, com as coisas funcionando mal, com o lixo, com o desleixo, com o mato tomando conta do jardim, com a sujeira dominando os diversos ambientes, etc. Não é preciso ter luxo, nem os equipamentos mais modernos e de última geração para fazer as coisas bem-feitas. Mas é preciso ter as ferramentas adequadas, os insumos corretos, na quantidade correta e as pessoas treinadas a realizar as tarefas do modo correto e no momento certo do início ao fim. Na agricultura, do preparo de solo até a colheita. Na pecuária de leite, do período pré-parto até o fim da lactação, do nascimento da Bezerra até esta virar vaca. É na busca por melhorar e aperfeiçoar continuamente, TODO DIA que os resultados aparecem!